



O tema central desta dissertação é o estudo das ânforas de época romana exumadas nas escavações do Castelo de São Jorge, em Lisboa, tendo como subquestão principal a análise da transição entre o povoado pré-romano de *Olisipo* e a *civitas* de época imperial, assente no estudo dos ritmos de importação de determinados bens alimentares, numa óptica de leitura das continuidades e rupturas com os dados disponíveis acerca das relações comerciais do antigo povoado pré-romano.

A opção pelo estudo das ânforas do Castelo de São Jorge deve-se antes de mais à existência de um volume considerável de dados inéditos provenientes de escavações recentes, associados a uma estratigrafia bem preservada, que permite a aferição de sincronias para as diversas produções representadas.

A importância do morro do Castelo na definição do futuro núcleo urbano, a sua ampla diacronia de ocupação desde meados do primeiro milénio a.C. até aos nossos dias, que as recentes intervenções vieram sublinhar, bem como o seu carácter de acrópole da cidade ao longo dos séculos, levaram-nos a privilegiar a sua abordagem.

No entanto, embora este trabalho se baseie no estudo dos dados provenientes do Castelo de São Jorge, não deixámos de ter em conta os resultados de escavações realizadas em diversas áreas da colina do Castelo e vale da Baixa, que forneceram contextos e materiais destas épocas. Embora os dados publicados sejam bastante escassos sobre os primeiros momentos da presença itálica no Vale do Tejo, foi possível observar e analisar o espólio de diversas intervenções ainda inéditas, que em muito contribuíram para alicerçar algumas hipóteses e para colmatar algumas lacunas.

Optámos por dividir o trabalho em três partes distintas, tendo em conta a organização do nosso discurso: uma primeira parte — *Olisipo* e o Vale do Tejo — em que pretendemos enquadrar os dados disponíveis acerca do povoado pré-romano de *Olisipo*, que se desenvolvia no morro e colina do Castelo de São Jorge, inserindo-o no seu contexto geográfico no Vale do Tejo e fachada atlântica, dada a importância do seu porto e a sua localização privilegiada, quer do ponto de vista defensivo quer como importante ponto de apoio à navegação.

Uma segunda parte — as ânforas do Castelo de São Jorge e os seus contextos — em que, partindo do estudo da estratigrafia e do seu espólio, tentaremos aferir cronologias relativas para as diversas produções aí representadas, privilegiando a análise contextual, tendo em vista a definição de sincronias no quadro das importações de *Olisipo*. Para uma melhor caracterização das proveniências das ânforas representadas, elaborámos, através da análise macroscópica das pastas cerâmicas, a distinção dos diversos grupos de produção identificados. Tentámos, através das suas características mineralógicas, atribuir-lhe uma determinada proveniência geográfica, tendo em conta as áreas e os centros produtores identificados.

Por último, uma terceira parte — análise quantitativa e qualitativa do conjunto — em que, tendo em conta os dados dos contextos e a análise da totalidade das ânforas identificadas nas diversas campanhas efectuadas na antiga alcáçova de Lisboa, entre 1996 e 2003, ensaiaremos uma abordagem estatística dos resultados, visando a apresentação que vá mais além do que os tradicionais mapas de difusão. Partindo desses dados, tentaremos apresentar diferentes leituras qualitativas para as diversas importações documentadas, inserindo-as dentro dos dados disponíveis acerca da dinâmica comercial tardo-republicana no Ocidente peninsular.